

Quando a Doutora Maria do Céu Fialho me telefonou a perguntar se eu apresentava o livro “Os Lugares Cativos”, de José Jorge Letria, respondi-lhe que “não podia dizer que não”. Na primeira impressão pode ficar a ideia de que me sentia obrigado a fazê-lo. Nada mais erróneo. A combinação feliz de juntar o poeta José Jorge Letria, o prefácio da Doutora Maria do Céu Fialho e o Director da Colecção, o Doutor José Ribeiro Ferreira, era já um triângulo cuja geometria semântica me impelia, imediatamente, a pôr mãos à obra. Este triângulo tinha já demasiadas cumplicidades, havia uma espécie de abóbada celeste que sob as palavras do poeta erguiam as colunas de um templo metafórico de três continentes: Europa, África e Ásia. Nestes lugares o poeta viu a Grécia, viu Fez e viu Atami. Em cada um destes lugares viu a luz que lhe iluminou os sentidos.

Este livro está, tal como o autor, cativo de trilogias, de ancestralidade, de simbolismo, de geometria, de véus, de aromas, de gentes que conjugam a vida e os deuses. O Poeta de viagens não nos quis privar da luz que bafeja o sul e as suas paisagens, por isso, como uma mortalha que esconde a ilusão do prazer, deixa que os versos sejam pórticos chamando os amantes de palavras para a comunhão dos sentidos, onde os lugares iniciam os viajantes no falso brilho das coisas, mas onde o poeta se reencontra com a máscara que o tempo esculpiu na arquitectura dos olhares.

Falar de um livro é sempre emprestar a nossa intimidade ao outro, ao autor, disponibilizando-nos para a cumplicidade de uma viagem onde as palavras, tal como as correntes dos rios, nos levam, de poema em poema até os limites desse compromisso, na demanda da hermenêutica.

Onde começa a viagem?

Nunca saberemos, tal como nunca saberemos onde termina. Apenas a viagem interessa.

Apetece visitar uma expressão de Fernando Pessoa e adaptá-la: Por dentro da viagem é que a viagem é. E José Jorge Letria aconchega nos seus poemas a estranheza e o espanto, deixa-se enredar no quotidiano, no bulício das vidas, na história e na trança das emoções. E é desta conjugação que emergem as formas e as linhas, envoltas nas imagens e nas metáforas, uma espécie de cubismo da sugestão que define os contornos de uma imaterialidade, onde o traço é apenas a silhueta que se suporta com gente dentro, à beira de um verso, onde o viajante espreita os vértices dessa largura emocional que estende da Grécia a Fez, até a Atamia. O Poeta é acolhido pelos lugares, pela filigrana da luz cerzida na espessa densidade dos mistérios que não deseja desocultar, mas apenas relevar a sua importância, logrando do “miradouro de paisagens”, quiçá, o deslumbramento de Dédalo e seu filho, Ícaro, na busca de um “cavalo adestrado” (p.19) para levar o poeta “para além dos muros, até ao mais puro coração do pranto” (p.19).

A luz é neste livro, e na restante obra, de José Jorge Letria, um ponto de fuga, de onde se levantam as palavras que se arrumam nos poemas, permitindo-se num jogo de espelhos sombrear as paixões do poeta, um dos *topoi*, que lhe alimentam a criatividade, ainda que nesse lume fique apenas “um fio de espuma,/ o rumor de uma queixa, apenas,/a marca de um beijo na pele do ventre”(p.20). Da luz que revela e da luz que cega no fala este livro, que nos adoça a inquietação, como se um mar turbulento nos surpreendesse nas sílabas das palavras “maiores” que habitam o imaginário daquele que, depois de “um pequeno lume de paixão”, recupera no precipício da nostalgia a “púrpura da tarde”(p20) para lembrar que “ficaram as pétalas e as páginas,/a volúpia entardecida de um afago.”(p20). Há nesta poesia o dorso da paixão como cais de gaivotas. Ao fundo dos poemas ecoa sempre o marulhar das ondas na falésia, o solilóquio do “marinheiro” entregue ao seu exílio e seus versos, “no galope”(p21) dos seus “cadernos em que” se desvenda “como uma chaga com o pudor dos meninos/ante a nudez das pedras, das dunas/ onde os amantes (...)” (p21) ensaiam o prazer. Todo o fim anunciado pela “flor incandescente de um verso” que se recusa “a sorver a luz morna das taças”(p.21) encontra a evocação dos trágicos, Ésquilo, Sófocles e Eurípedes, como memória tumular dos que trouxeram epitáfios para que a modernidade não fosse um “paraíso de nada”. Assim começa o poema:

“Aqui começou o grande teatro
da imaginação do homem. Nestas ilhas,
entre as abelhas e as rosas,
entre o pólen e o mito” (p22)

A certeza com que a sua mão enuncia o lugar, arrasta a emoção para um tempo trazendo o seu pai aos lugares que lhe lembram a presença dos deuses, ali, naquelas ilhas, “onde só as silhuetas se mantêm hirtas”(p22).Ali, nas ilhas, talvez do Mar Egeu: Samotrácia, Lesbos, Samos, Eubéia, Égina, Salamina, Ios, Delos, Creta, ou a do Mar Jónico, Ítaca. A sua descoberta de que “Eu sou o Continente incontido/que se derrama nas águas/ como um estilhaço de lua,/ como um óleo de lucerna/a querer iluminar a noite dos mortos.”(p22), é mais do que ver de olhos escancarados, é reencontrar os primeiros passos da nossa matriz greco-latina, é desnudar-nos sem pudor e afirmar-nos nesse berço, caldo de valores e cultura, que persiste em descer a montanha, deixando um precipitado suculento, arco-íris de pensamentos, que se recria ao longo desse rio civilizacional que espreitamos em cada esquina, para melhor reencontrarmos a nossa identidade, um Continente, como se cada ilha fosse a peça de um puzzle na concepção de uma Europa que se ilumina e revela nesses lugares de culto.

A voz que escuta e que lhe dita os poemas assume-se como cúmplice dos seus silêncios e ansiedades, leva-o pela mão até às “traineiras apodrecidas pelo sal”(p.23), mas a sua vocação é a viagem, no sentido de estar sempre em viagem, sempre de partida, mesmo quando regressa. Os lugares são portos, ancoradouros de almas, vendedores de esperanças, vidas salpicadas de cores e desencontros que se abeiram de outras vidas, “meninos perdidos no mar do sono”(p.24) embalados pelas vozes das mães e das avós, coros femininos de tragédias de outros tempos: das Suplicantes, das Coéforas, do Prometeu, das Traquínias, de Electra, de Medeia, de Hipólito.

Os coros destas mulheres, símbolos da razão e da justiça, povoam “as inscrições/na pedra

exausta dos milénios”(p.27), rolam nos leitos do rios, deixam sombras nos peixes, fogem para um futuro que há-de vir, ao encontro da “gloriosa morte dos heróis”(p.27) despertar os vindouros, tal como o poeta, que “algures,/ no meio das oliveiras” procura um santuário para iniciar a sua descrença nos deuses, “para que a prece/seja óbolo e semente”(p.27).

O azeite, a luz das lucernas, o sagrado, constituem elementos que iluminam o imaginário da Grécia mas, também, da cultura do sul, mediterrânica, juntamente com o branco das casas, o branco dos cavalos, o branco absoluto da inocência dos meninos. Atravessa os poemas da “Luz do Mistério Grego” um fio de Ariadne, uma paixão confessa mas imprudente, que se oculta mas não se esconde, que habita o labirinto emocional do poeta lembrando-lhe a “primeira mulher”(p.34) que amou. Os mistérios da Grécia aproximam-no do sagrado, não da crença, dos lugares onde a memória ainda é um “templo de sol”(p.36), quiçá, entre oliveiras capaz de o chamar aos deuses como suplicante de “ínfimas e indizíveis coisas”(p.36).

O poeta tem essa capacidade de tanger o indizível, de esculpir no inefável “o volátil instante da alegria”(p.39), surpreendendo-se quando nada acontece, “numa esplanada, quieto,/a assistir ao tumulto do mundo/no fundo de um copo de vinho branco”(p.38).

E quando de um pátio, como uma língua de fogo, emerge a voz de Callas, logo o poeta encontra reminiscências nas mulheres gregas, aquelas, cujos nomes sabemos de cor das tragédias, dos grandes tragediógrafos. “Onde dantes houve deuses”(p.38) cantam e dançam as crianças, erguem-se bancas com livros onde o poeta/andarilho descobre “uma antologia de Seferis”, Prémio Nobel de 1963 - nasceu (13/3/1900) na cidade de Anatólia, Império Otomano, actual Turquia, e faleceu (20/9/1971) em Atenas. Seferis integrou uma geração de grandes poetas: Costis Palamas(1859-1943), Constantino Cavafy (1863-1933) e Angelos Sikelianos (1884-1951). Este “instante da descoberta” inebria-o, comove-o, clama pela “plenitude das palavras que não dizem” a alegria do instante, em que nos confrontamos com a felicidade de nos sentirmos bafejados, pela alegria de podermos ser protagonistas de tantas emoções, pela descoberta de um livro, como se fosse a sua Ítaca.

Talvez, por isso, evocar Ulisses que traz muitas notícias dessa “confraria circular de escrevedores” onde a inveja e a crítica provinciana merecem um fel especial, por isso, compreendo que se insurja contra os cultores da maledicência que esquecem que “ a vida é lenta quando a morte tem pressa”, como escreveu Miguel Torga. O seu Ulisses é “um guardador de rebanhos”, um Constantino ou um Funes, borgeano, com lugar cativo na biblioteca do esquecimento, onde se passeiam as melhores ideias que o viajante registou no diário de bordo, onde a realidade é o efêmero sem regresso. Ao lembrar-se de Seferis, poeta que assumiu a herança clássica, lembraria o que Österling escreveu: “ele soube, melhor do que ninguém, interpretar o mistério das próprias pedras, do brilho do mármore inanimado e das estátuas silenciosas e sorridentes”¹,

José Jorge Letria, poeta da palavra cúbica, desbastada com cinzel e sensibilidade, devolve-nos o esplendor de uma Grécia que Seferis cantou, com romantismo mas, também, com fervor patriótico, chamando essa voz milenária que não estava nas pedras, mas na Hélade.

Das vozes que cercam o poeta de “O Fantasma da Obra”, há uma que lhe percorre as veias e para quem “uma carta não basta”(p.26), mas uma palavra, apenas, lhe diz tudo; “acabou”(p.26). O poeta e as suas contradições, cercado no labirinto das sílabas que procuram os sinais de fuga, exorciza a sua viagem metafórica procurando nas sombras o que permanece depois do silêncio, depois das mãos e das lágrimas.

Quando um poeta empresta a sua voz à causa dos encontros, o eco que escorre dos livros é um clarão tocado pela mão invisível de Hermes. A nuvem sonora espalha-se na pele e na baía dos dizíveis encontros, os dias revelam o seu brilho, e as palavras sem algemas, nascidas nos lugares cativos que trazem o poeta cativo, agigantam-se no tempo e dilatam o seu nome. De dentro dos seus versos escorre a seiva dos heróis e daqueles que sabemos que existem, porque deram os braços e as mãos para cinzelarem o espírito da pedra bruta do Parténon. Este livro esbanja a distância para soltar a respiração que se há-de encontrar

¹ Darcy Damasceno, “Pequena História da atribuição do Prémio Nobel a Giorgos Seferis”, in *Biblioteca dos Prémios Nobel de Literatura*, Editora Opera Mundi, 1973, Rio de Janeiro, p.12.

em cada verso, em cada poema, em cada cidade onde as crianças se confundem com as flores e os sons. Nas cidades - onde os aromas, os animais e os bulícios da vida sinalizam a hora da devoção, dos regressos e do reencontro com chá -, o poeta convoca as luas, para a rota dos Argonautas dos tempos modernos, anéis de fogo, onde os deuses emprestam o brilho ancestral ao falso instante da eternidade.

O poeta não acredita nos deuses, tal como Natália Correia, mas esta dizia: “Não jurarei que qualquer Deus exista. Só sei que é grosseiro viver sem Deuses” (Natália Correia, in *Armistício*).

As cidades e o seu imaginário, ou seja, o que lá encontramos e o que somos capazes de lhe acrescentar ao iniciarmos a viagem, itinerário romântico e interior impõe-se-nos como uma fotografia sem moldura onde as imagens se sobrepõem para ganhar a simpatia do andarilho. Neste livro, estão as marcas do rio sensível que vai deixando nas margens e no fundo do leito o espólio acidental, essa trança de recordações que se enrodilha aos sentidos.

São as luas de Fez um candelabro de Selene, amante do belo pastor Endímion, de quem se diz ter tido cinquenta filhas; as luas de Fez são dédalos de cheiro bailando sobre os pátios mediterrânicos, unguindo as vozes e os risos à hora em que as mesquitas despertam do silêncio. Lá encontramos Avicena(980-1037), o filósofo e o médico, dedicado estudioso das obras de Platão e Aristóteles. Sob a lua berbere de Fez, o cheiro de hortelã incita à impaciência do poeta, fá-lo confrontar-se com a sua história, com os vestígios da presença portuguesa, com “as muralhas erguidas pelos cativos/ do império português”(p.51) onde ainda se sentem as “cicatrices de batalhas que ninguém ganhou”(p.51).

São, assim, as viagens, devolvem-nos os passos e os lugares. Nos lugares cativos de Fez encontramos uma paleta de nomes que alimentam os vitrais da espiritualidade, que atravessam o seu tempo e espalham a paixão pelo saber e cultura. O poeta não se esqueceu

da Granada de Lorca, do poeta e rei Almutamid, que viveu na minha cidade, Beja, e de Amin Malouf, sábio escritor da tolerância. Mas, o poeta confronta-se:

“O que encontro eu em Fez
que não encontre nas cidades imaginárias
que há no mapa dos meus versos
assombrados pela sede do longe
embriagados pelo mistério da fala?”(p.72)

A resposta está na leitura deste livro, atrás do espelho de cada palavra, de cada verso, de cada poema e em toda a sua obra, que urge conhecer. Regressar a um livro, reler um livro é outra forma de reencontrar o autor que “nunca sabe quando volta/porque nunca chegou a partir”(p.75).

Mas ele promete:

“Eu hei-de voltar a Fez, um dia, está escrito,
para comer as tâmaras e a harira
e para provar o gosto do afecto
que se mistura com a alegria das mãos
tocando os alimentos como um corpo amante”(p.76)

Finalmente, Atami, “O Rosto Branco de Atami”, uma cidade que fica na província de Shizuoka, com cerca de 43 mil habitantes. O poeta andou por ali, sob as luas a saborear o Saké, a deslumbrar-se com a neve no Templo de Kinomia, numa “manhã luminosa de Fevereiro”(p.82), “onde florescem ameixieiras”(p.84) e os pássaros de bambu, trazem nos seus cantos os sons da floresta onde Matsuô Bashô, o escritor e poeta bonzo-budista Matsuô Munefusa (Tóquio, 1644 – Osaka, 12 de Outubro de 1694), do século XVII, “adormeceu para sempre”(p.84). Aqui, em Atami, José Jorge Letria deixa-se levar pela sabedoria do mestre Sawada e pelo teatro da alma:

“Aqui, há uma mulher, sereia e onda,
que conquista ao mar a forma divina
do que não tem nome,
do que não pertence ao mundo”(p.85)

Ou ainda pelas máscara de Nô, “antigas da tragédia/que fala dos espíritos e das suas desventuras”(p.95).

Deste oriente, renasceram as palavras de Shakespeare pela mão Tsubouchi Shoyo (1859-1935), que foi professor de inglês e de drama em Tokyo, que “está sepultado, e em paz,/ numa nuvem com aroma de cânfora,/num recanto de água com pedaço de neve”(p.92).

Talvez, com amostras do branco, do Monte Fuji, que se espreguiça como um triângulo na paisagem fria onde os “ramos das cerejas, brancas, altivas”(p.92) lhe fazem sombra nos dias de Primavera. Desse Oriente chega “ a voz e a quimera da salvação dos gestos”(p.96), o grito de Mishima que se demora nos nossos ouvidos e ressoa a “sentimento trágico” de uma modernidade tardia.

Com vista para Kobe, o poeta entre a névoa e a memória descobre, o nosso Venceslau de Moraes, (Lisboa, 30 de Maio de 1854 - Tokushima, 1 de Julho de 1929, de “quimono de flores carmesim”, mergulhado nas suas barbas brancas, a escrever, talvez, *O culto do chá*, (1909).

Ao encontrar este pilar luso, José Jorge Letria, acrescenta-lhe os vestígios das muralhas de Fez e, num em tom intimista promete voltar, para ver “quando neva em Atami/as ilhas(...)pairando sobre as águas/como silhuetas (...)”(p.104).

Os três lugares do mundo têm em comum a luz, o belo, as crianças, a herança dos afectos e a sabebedoria.

Termino, lembrando que nas vésperas da Cimeira Internacional realizada sob a Presidência Holandesa da União Europeia, em 2004, Rob Riemen, Director do Nexus Institue, convidou George Steiner a fazer uma conferência para pensar a Europa (essa 10^a

conferência está editada em Portugal, com o título “Uma Ideia de Europa”, pela Gradiva). Na apresentação da conferência Rob Riemen lembrou uma afirmação do escritor alemão Thomas Mann, que este proferiu em 1938, quando deixou a Europa para se fixar nos Estados Unidos: “Wo ich bin, ist die deutsche Kultur” - *Onde eu estou, está a cultura alemã*. Esta afirmação polémica, que não vou comentar, terá o seu equivalente, mas com menos polémica certamente, se um europeu amante do mundo clássico afirmar: “onde quer que esteja, está a cultura grega”. A perenidade desta cultura, deste legado depende muito do Mestres, ou seja, daqueles que percebem como George Steiner que têm um dom: “Convidar os outros para o significado”.

Este livro tem um prefácio, da Doutora Maria do Céu Fialho, convidando-nos para os significados, emprestando aos Lugares Cativos a sua interpretação, a que só um Professor de Humanidades pode fazer, porque terá sempre presente as palavras de Hölderlin: “Wir sind nur Original, weil wir nicht wissen”, ou seja, “Só somos originais, porque não sabemos nada”.

Recupero o que lhe escrevi ao ler este belo prefácio. Reencontrei a luz do sul que incide sobre as palavras, quando se é do Alentejo. Só alguém que cresceu com a cultura da planície, com os aromas das ervas, com a luz ímpia do Sol, com os afectos sob a pele, consegue derramar-se desta maneira. Não é possível inventar a escrita, por mais que se seja um conhecedor de gramática, se não se é, também, um poeta da lágrima.

Neste sopro de inspiração, monumento à palavra, estão os rios do silêncio e da lonjura que cercam os que tecem com as mãos a geometria dos lugares. É, curioso, que este livro acolhe um triângulo comum ao poeta, à prefaciadora e a mim próprio, talvez, sem o sabermos. Por isso, no vosso seio, com a vossa sabedoria, considero que não sei ler nem escrever, mas apenas soletrar.

E, ao fazê-lo, confrontei-me com um poema improvável, um poema índice, que José Jorge Letria escreveu a vulso, decantando-o, ficando apenas um verso emprestado de cada poema da “Luz do Mistério Grego”: “Poema”(p.113).

Como escreveu o poeta:

“Os lugares ficam e nós passamos.
Só os lembramos pela felicidade ou pela dor,
Como os amantes nos retratos
Que um dia o desdém lança o lume (p.37).

A pergunta fica:

O que é que cativou o Poeta nos lugares, onde as palavras convocaram a respiração das gentes e misturaram os aromas?

António Vilhena
Coimbra, 4 de Junho de 2009
Livraria Minerva.